

filosofia

ciência&vida



EDUCAÇÃO

Fábio Gabriel fala sobre o filosofar em detrimento do ensino enciclopédico



RENATO JANINE RIBEIRO

O descontentamento com a política e a decadência do Parlamentarismo

ANO VIII Nº 106

www.portalcienciaevida.com.br



MULTIDÃO E MANIPULAÇÃO

A falta de um espírito crítico que pode produzir muitas marionetes dos estratagemas do poder.

Em ORTEGA Y GASSET

MARATONA FILOSÓFICA

PLATÃO,
ARISTÓTELES
e o esporte no
desenvolvimento
intelectual e
de valores



GUINADA DE HEGEL

Uma crítica à
ideia tradicional
de substância



NÚMERO 106 - PREÇO R\$ 9,80

ISSN 1809-0738
0.0.1.0.6
04718090730031

REFLEXÃO E PRÁTICA: Entre o Cinema, o saber filosófico e o religioso





5 ENTREVISTA
Em sua pesquisa de mestrado, Fábio Gabriel conclui que é totalmente viável que alunos de Filosofia do ensino médio possam ter, durante as aulas dessa matéria, experiências filosóficas

64 HEGELIANISMO
A questão da dialética no sistema de Hegel: o processo pelo qual a substância transforma-se em sujeito pressupõe um ritmo dialético e necessário do espírito



14 CAPA
A crítica do pensador Ortega y Gasset à cultura massificada nos ajuda a pensar as manifestações políticas populares que têm se intensificado desde 2013 no Brasil



74 FILOSOFIA CLÍNICA
Como são as divisórias entre seu pequenino mundo e os aspectos lá adiante? O que existe para além do mundo que uma pessoa circunscreveu? Para alguns, isso é semelhante a perguntar: o que existe depois das estrelas, ao final delas?

24 PARA REFLETIR
O deserto sul-africano ganha vida por meio da linguagem poética única do escritor português Luis Serguilha em seu livro *Kalahari*, publicado pela editora Ofício das Palavras

76 ÉTICA
Educação em pauta: uma crítica à política educacional brasileira que, baseada em uma ideologia colonial conservadora e elitista, tem como principal fim a busca por títulos

32 MESOLOGIA
A fusão entre desejo e objeto tem um nome: gozo. A conexão entre tecnologia e desejo torna-se cada vez mais clara nas sociedades contemporâneas, peculiarmente hedonistas

82 OLHO GREGO
Nesta edição, Renato Janine Ribeiro discorre sobre as origens do regime parlamentarista e sua vantagem ao presidencialismo diante de crises, além do descontentamento geral com a política e com os políticos



52 FILOSOFIA DA MENTE
O mal de Alzheimer e nossa confusão conceitual: estamos acostumados a dividir nossa vida em presente, passado e futuro, mas será que memória só tem a ver com o passado?

54 ESPORTE
Em nossa sociedade, apesar de muito difundido e apreciado, o esporte está totalmente dissociado do conhecimento. Um resgate à concepção grega das atividades físicas



ENCARTE DO PROFESSOR

CADERNO DE EXERCÍCIOS
O cinema como ferramenta para o pensar

APOIO AO PROFESSOR
Possíveis diálogos acerca dos saberes filosóficos e religiosos





A aula de Filosofia deve ser fundamentada na experiência filosófica, em contraposição ao entendimento de uma aula de Filosofia que se concentre no enciclopedismo

Filosofar é preciso

Fábio Gabriel conversa com os leitores da **Revista FILOSOFIA Ciência&Vida** sobre sua pesquisa de mestrado, desenvolvida na Universidade Estadual de Ponta Grossa sobre a aula de Filosofia como experiência filosófica e também sobre livros de sua autoria. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi, Curitiba (PR), e bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Possui especialização em Filosofia e Ética pela Faculdade do Noroeste de Minas

(Finom) e especialização em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia. Professor do Quadro Próprio de Magistério da SEED (PR), professor supervisor Pibid Capes/UENP, pesquisador integrado nos Grupos de Pesquisa da UENP – Campus Jacarezinho: Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia, Educação e Sociedade – GEPFES; Política (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação) e Literatura e História: Memória e Representação. Publicou uma série de livros sobre Filosofia, Educação e Linguagens pela Editora Multifoco.

IMAGEM: ARQUIVO PESSOAL

Carolina Desoti Fernandes é graduada em Filosofia pela PUC-Campinas e pesquisa o feminismo vinculado às manifestações tradicionais brasileiras. É professora, editora, redatora, produtora cultural e colaboradora desta revista.



A simples memorização da História da Filosofia não significa ainda o filosofar; a recriação conceitual deve ser valorizada nas aulas de Filosofia do ensino médio

FILOSOFIA • Seu mestrado na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) foi sobre Ensino de Filosofia considerando a aula como experiência filosófica. Poderia nos falar um pouco a respeito dessa pesquisa?

FÁBIO • Em geral, o enciclopedismo é o fio condutor das aulas de Filosofia no ensino médio. Por enciclopedismo entendo a aula de Filosofia que se limita apenas a realizar uma transmissão dos sistemas filosóficos, mera comunicação que não convoque o aluno a perceber aquela teoria como um precioso esclarecimento vinculado às experiências de vida do nosso estudante. Em última instância, a maneira de ensinar Filosofia depende do entendimento que se tem do que seja a Filosofia. Nesse sentido, meu referencial teórico foram os filósofos Nietzsche e Deleuze. De Nietzsche procurei me utilizar da questão apontada na obra *Para a genealogia da moral*, que trabalha a questão do valor dos valores. Em outras palavras, muitos filósofos até o momento tinham se debruçado a pensar sobre os valores, mas Nietzsche inova ao pensar e investigar genealogicamente sobre o valor dos valores. De Deleuze utilizei o entendimento de que a Filosofia consiste na criação de conceitos. A Filosofia, para Deleuze, deve criar conceitos a partir da imanência, e não partindo da transcendência. A tradição platônica valorizou um mundo além do que seria fundamento para este mundo real; Deleuze valoriza a imanência como fundamento para, a partir do plano de imanência, serem traçados novos conceitos. Deleuze também menciona a criação de personagens conceituais que foram sendo criados pelos filósofos. Partindo desse referencial teórico, procurei investigar em que medida se faz possível uma aula de Filosofia que não seja enciclopédica e que permita aos estudantes do ensino médio criarem conceitos. Na dimensão da coleta de dados, meu estudo esteve dividido em três partes: uma pesquisa, em que recorri ao *Google docs*, envolvendo 116 professores de Filosofia do Estado do Paraná; outra etapa da análise contou com a participação de estudantes de cinco colégios do norte do Paraná, e, na

terceira etapa, contei com a colaboração de quatro professores de Filosofia, mediante entrevista. Ao longo da pesquisa, procurei dialogar com as Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná e, por meio de questionários aplicados, tive o intuito de verificar em que medida os professores do Paraná se utilizam das diretrizes contidas no referido documento. As Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná, por sua vez, procuram enfatizar uma compreensão da Filosofia como criação de conceitos. Divide o estudo da Filosofia no ensino médio em seis conteúdos estruturantes: Mito e Filosofia, Ética, Estética, Filosofia da Ciência, Filosofia Política e Teoria do Conhecimento.

FILOSOFIA • Qual é a importância da História da Filosofia em aulas em que a experiência filosófica é priorizada?

FÁBIO • Entendo que sem a valiosa contribuição da História da Filosofia, dificilmente nós entenderíamos a genealogia de um conceito filosófico. Mas a simples memorização da História da Filosofia não significa ainda o filosofar; a recriação conceitual deve ser valorizada. É necessário imbuir o aluno de uma perspectiva filosófica crítica, que é própria dos procedimentos do filosofar. É necessário um equilíbrio na utilização da História da Filosofia. Por um lado, se se valorizar apenas a memorização dos conteúdos históricos, quedamo-nos em um enciclopedismo vazio, infrutífero. Por outro lado, desprezar a História da Filosofia também inviabiliza o processo de filosofar. É necessária uma utilização com equilíbrio da História da Filosofia, buscando não exagerar na dose para não cair em excessos extremos. Guillermo Obiols investiga a temática e afirma sabiamente que “a aprendizagem filosófica é como uma moeda que tem, em uma face, a Filosofia e, na outra, o filosofar”.

FILOSOFIA • Quais foram os resultados de sua pesquisa com professores de Filosofia do Estado do Paraná?



FÁBIO • Inicialmente é preciso ressaltar que os resultados confirmam que é possível um ensino de Filosofia que propicie ao estudante do ensino médio ter uma experiência filosófica. Isso se pode perceber, por exemplo, quando, na pesquisa do *Google docs*, 87% dentre todos os professores, nas avaliações, exigem, além dos conhecimentos em História da Filosofia, que o aluno seja capaz de argumentar e de relacionar os conceitos filosóficos estudados. Ainda podemos indicar que 96% dos professores acreditam que a aula de Filosofia deva ser o momento que propicie ao estudante uma experiência filosófica. Na entrevista com os professores, eles ressaltaram a relevância da Filosofia como disciplina que permite formar para a cidadania. Como também aplicamos questionários aos alunos, pudemos perceber, pelas respostas formuladas, que eles entendem a Filosofia não como um conhecimento segmentado da vida cotidiana e que os conteúdos devem ser ensinados tendo como referência a experiência cotidiana que eles vivenciam, que esses estudantes experimentam no seu dia a dia. O que dificulta a aula como experiência filosófica são condições estruturais inadequadas nas instituições de ensino, como, por exemplo, se constata na fala de um dos professores entrevistados: “Infelizmente, ainda temos salas numerosas, e isso dificulta o nosso trabalho, considerando que a Filosofia e todas as outras disciplinas necessitam de grande atenção”. Um dos elementos que contribuem para um ensino que supere o enciclopedismo destaca a questão da utilização dos textos clássicos em sala de aula, que permite aos estudantes interpretarem os escritos dos filósofos, em vez de apenas memorizarem a compreensão dos comentadores dos textos de Filosofia, os conhecidos manuais.

FILOSOFIA • Em geral, em sua pesquisa foi possível observar qual é a compreensão da Filosofia para os professores da disciplina?

FÁBIO • Uma das falas de um professor entrevistado demonstra bem qual é o entendimento sobre a relevância da disciplina Filosofia. “Para mim, a Filosofia é transformadora e desconfortante. Ela é isto, ela choca, ela agride, mas também aceita, compreende. A Filosofia não se define, e sua tarefa é provocar, provocar sempre os alunos.” Um entendimento que

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

Em uma sociedade disciplinar, forjam-se indivíduos, ao exercer sobre seus corpos procedimentos de adestramento, que regulam a vida das populações

também perpassou a compreensão dos professores de Filosofia do Paraná foi o entendimento da Filosofia como emancipadora. Vários professores relataram, em suas respostas, a relevância da Filosofia como um instrumento que possibilita a formação para a cidadania e a emancipação dos estudantes.

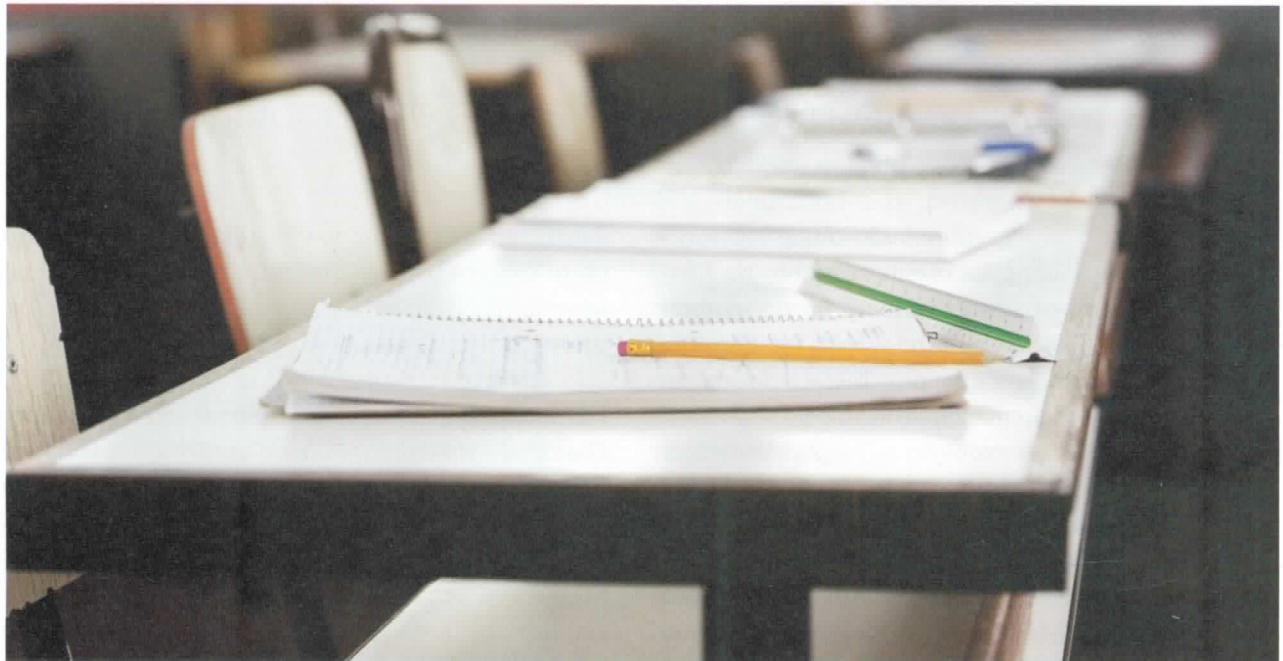
FILOSOFIA • Você publicou uma série de livros sobre Filosofia, Educação e Linguagens pela Editora Multifoco. Poderia nos falar sobre eles?

FÁBIO • Inicialmente, publiquei *Filosofando, noções introdutórias* pela Editora Livro Pronto, atualmente em segunda edição, em parceria com Karina Gaspar. Nesse livro procurei apresentar, em linguagem acessível, alguns tópicos de História da Filosofia. O objetivo foi propiciar para pessoas que nunca tiveram contato com a Filosofia, noções gerais sobre os principais pontos da História da Filosofia. Penso em realizar futuras edições para aperfeiçoá-lo. Posteriormente, publiquei um livro organizado com Cláudia Battestin, pela Editora Multifoco, intitulado *Filosofia e Educação: um diálogo necessário*. Esse livro reuniu artigos que propiciam uma discussão sobre o diálogo entre Filosofia e Educação. Nas palavras do professor Antônio Joaquim Severino (USP), que realizou a apresentação do livro: “[...] se desdobra num diálogo entre grandes pensadores clássicos de nossa tradição filosófica (Marx, Gramsci, Adorno, Habermas, Hannah Arendt, Deleuze), diversas dimensões de nossa criatividade (Artes, Ciências, Política) e até mesmo entre culturas nacionais”. Posteriormente, ainda com Cláudia Battestin, publiquei o livro organizado intitulado *Filosofia e Educação: um diálogo entre saberes na contemporaneidade*, que tematiza diversos artigos de pesquisadores sobre a relação entre Educação. Também publicamos três livros pela Editora Multifoco, intitulados *Pesquisas em Linguagens*, que reúnem artigos sobre questões literárias. Maiores informações sobre os livros podem ser encontradas no site fabioantoniogabriel.com. Nosso objetivo, com os

livros publicados, é promover interação e diálogo entre os mais diversos pesquisadores e propiciar ao leitor uma diversidade de leituras sobre aspectos, sobretudo na relação entre Filosofia e Educação.

FILOSOFIA • Em seu último livro lançado: *Diálogos interdisciplinares entre Filosofia e Ciências Humanas*, os deslocamentos teóricos em Michel Foucault são tematizados. Poderia nos falar um pouco sobre o conceito de biopolítica?

FÁBIO • Investiguei com base no pensamento foucaultiano os deslocamentos teóricos que implicaram um desdobramento conceitual de poder disciplinar ao de biopolítica, sobretudo no período de 1975-1976. Partimos da hipótese de que os deslocamentos teóricos desse período que permitiram o desdobramento conceitual, produziram um “refinamento” em que o poder disciplinar e a biopolítica se complementaram nas investigações de Foucault sobre a modernidade. No artigo em referência, propusemos um debate, tendo como base a discussão estabelecida em *Vigiar e punir* (1975) de Foucault; para a partir de sua terceira parte demarcarmos os contornos do conceito de poder disciplinar; e *História da sexualidade*, vol. I, *A vontade de saber* (1976); para demarcarmos, a partir de sua última parte, o conceito de biopolítica. Em nossas considerações finais, apresentamos que poder disciplinar e biopolítica formam conceitos criados por Foucault, que se complementaram, para pensar não o poder pelo poder, ou seja, simplesmente afirmam a existência de algo que denominamos poder. Mas que ambos os conceitos, criados por ele, serviram como instrumento de análise para se pensar a constituição daquilo que ele denominou sociedade disciplinar. Nessa sociedade disciplinar, forjam-se indivíduos, ao exercer sobre seus corpos procedimentos de adestramento, que regulam a vida das populações, determinando taxas de natalidade, de mortalidade, de fecundidade. Por fim, acreditamos que seja possível notar que, norteados pelo uso desses dois conceitos,



Aulas de Filosofia para o ensino médio justificam-se se esse for um ensino voltado para o filosofar em detrimento do ensino enciclopédico

Foucault pôde desnudar uma face da História Ocidental, a qual, ao menos em parte, provavelmente ainda seja a nossa face.

FILOSOFIA • Você trabalhou por cinco anos no curso de Filosofia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) formando novos professores de Filosofia. Quais são os principais desafios referentes à formação docente na atualidade e como está a carreira docente no País?

FÁBIO • Infelizmente, vivemos em um sistema neoliberalista e, desse modo, a educação pública, principalmente, tende a ser desvalorizada. Na experiência do Paraná, temos as atitudes da atual gestão estadual que praticamente tem buscado, de todas as formas, dismantelar o ensino público, destruindo o plano de carreira docente e, desse modo, tornar a profissão de professor ainda menos atrativa para as novas gerações. E, além disso, no Estado do Paraná, por exemplo, no colégio em que trabalho, há quatro anos certas dependências encontram-se parcialmente interdidas porque oferecem visíveis riscos de ruir, e o governo sempre afirma que não há recursos em razão da responsabilidade fiscal para investir em novas reformas. Vivenciamos uma crise de valores na sociedade, na

medida em que os professores são extremamente importantes na formação das futuras gerações. A contínua desvalorização da profissão docente, o que se manifesta não apenas na remuneração aviltante que recebe um professor, como também no encargo que recai sobre ele, se considerarmos que nenhuma outra profissão tem sobre si a responsabilidade de educar, como compete ao professor, que, além de ensinar, deve se dedicar à nobre missão de formar cidadãos. Nenhum cidadão se faz sem a escola, eis tudo; no entanto, outras carreiras com nível de estudo equivalente são muito, muito mais valorizadas. Se uma família com três filhos pequenos já sente o alvoroço que acomete o lar porque a balbúrdia se forma, que outra profissão se dedica à formação de grupos heterogêneos de 50 crianças para ensinar, para educar? Um professor deve enfrentar deprimentes condições de trabalho, salas de aula em que se amontoam mais de 50 alunos, superlotação que impede a realização de um trabalho com qualidade, o que torna o exercício docente improdutivo e denuncia uma situação incontestável: vivemos uma inversão de valores na sociedade. Diante de tal inversão, nos perguntamos que tipo de sociedade o País quer construir? Um país que depende exorbitantes

IMAGENS: SHUTTERSTOCK

A desvalorização da profissão docente não afeta apenas o professor como profissional em sua individualidade, mas todo o futuro de uma nação

valores para a construção de estádios de futebol, para o que recursos financeiros são fartos, ignora critérios de contenção de gastos, uma vez que, quando se trata de uma pequena reforma em estabelecimento de ensino, cujas dependências permanecem por décadas sem assistência e sem recursos para reformas, em um colégio público em ruínas, a palavra de ordem é que é necessário respeitar a lei da “responsabilidade fiscal”.

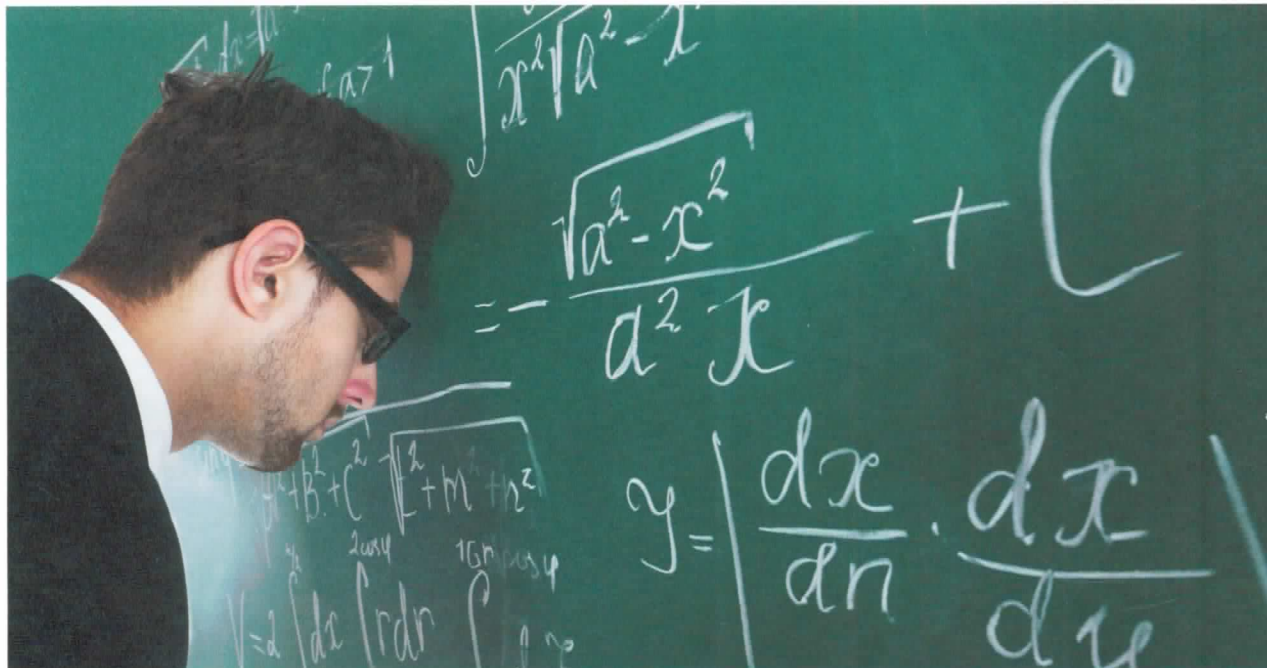
Mas quem disse que homens públicos encaram a Educação como investimento? Para eles, dinheiro gasto em Educação é dinheiro perdido. Afinal, quem vê, no momento da aplicação, o que esse dinheiro produz em âmbito da Educação? Constrói-se um estádio: que construção monumental! Os olhos veem! Investe-se na Educação que transforma pequenos seres em seres pensantes: não se vê na aparência, porque o cabedal adquirido se esconde no conhecimento alcançado que não se vê, acumula competências para que futuras gerações de cidadãos possam crescer e constituir-se como seres responsáveis em seu âmbito de contribuição para sua participação social eficiente, capaz! E (ironia!) para isso que não se vê, não existe dinheiro mais nobre, dinheiro mais bem aplicado que esse oculto na formação do capital chamado conhecimento, formação! Por essa resposta que o administrador público cansa de usar quando se trata de interesses de uma escola, pode-se avaliar o conceito que a educação pública desperta nos homens públicos em épocas distantes do período eleitoral. A desvalorização da profissão docente não afeta apenas o professor como profissional em sua individualidade, mas todo o futuro de uma nação, na medida em que, se a carreira docente não é atraente, não atrai os melhores talentos, que disputariam uma vaga em concurso público que acene com salários mais convidativos, e o ensino, cada vez menos valorizado, cada vez mais estigmatizado, já não estimula os jovens a abraçarem essa carreira que, assim, decai, porque não logra despertar a vocação para a missão de educar.

FILOSOFIA • Você tem uma trajetória interessante, iniciou seus estudos sobre Filosofia enquanto seminarista e acabou sendo professor de Filosofia. Você desistiu de ser padre faltando um mês para a sua ordenação. Poderia nos falar um pouco sobre como foi essa situação de mudança em sua vida?

FÁBIO • Estudei em seminário católico por dez anos e realmente pretendia ser sacerdote. Todavia, a experiência como diácono, trabalhando em duas paróquias, me fez repensar a escolha vocacional e resolvi, faltando um mês para a ordenação sacerdotal, cancelar minha ordenação. Não me arrependo de ter entrado para a vida religiosa nem de ter saído. São escolhas que realizamos e, como diz Sartre, não podemos deixar de ser livres, e a liberdade gera angústias diante das escolhas que realizamos. Atualmente sou colunista do site *Vox Gaudium* e escrevo sobre temáticas religiosas. Revalidei meu curso de Teologia pela PUCPR e pretendo futuramente realizar um mestrado em Teologia. Sempre gostei da investigação teológica e acredito que as religiões exercem um fenômeno social de grande relevância. Hoje me sinto plenamente realizado como professor de Filosofia e não tenho intenção de mudar de profissão.

FILOSOFIA • O País vive uma crise de abastecimento de água. Em um de seus artigos publicados, que é sobre Hans Jonas, você tematiza sobre a Educação Ambiental. Nessa perspectiva, qual é a atualidade de Hans Jonas?

FÁBIO • Hans Jonas pensa em uma ética para a civilização tecnocientífica. Jonas, em sua obra, convida as pessoas a pensarem nas consequências dos seus atos para a humanidade. Impõe-se, segundo ele, a adoção de uma heurística do medo diante das consequências catastróficas que podem advir de atitudes humanas inconsequentes. A crise no abastecimento de água denuncia essa inconsequência, atua como um elemento que é resultado primeiro de uma falta de planejamento urbano e, em segundo momento, escancara a natureza respondendo a um modelo



Além de lidar com a desvalorização crescente da carreira, os professores estão diariamente em contato com uma gama de adversidades

de utilização dos recursos naturais de maneira predatória que ignora, que despreza a importância do meio ambiente. Jonas nos presentearia com os princípios de uma nova ética, de forma clara e objetiva, propondo o princípio de responsabilidade. A Filosofia de Jonas tem sido fundamental para estabelecer uma análise importante do princípio da responsabilidade como imperativo ético do diálogo entre Ciência e Ética. O planeta chegou a um momento de desequilíbrio ecológico e social. Para reverter esse cenário de grande destruição, questionamentos e incertezas, Hans Jonas propõe uma nova ética, que substitua todo o arcabouço conceitual da ética tradicional e que postule novos valores e conceitos. No artigo citado, apresentamos que é pela educação que se pode inculcar nas futuras gerações um entendimento ético de respeito ao meio ambiente. Afinal, a técnica moderna iniciou uma nova era que representou uma mudança, em imensuráveis proporções, e trouxe novos objetos que a ética antiga não consegue mais enquadrar. Essa nova esfera é caracterizada pelo crescente domínio do fazer coletivo e também pelo aumento de forças correspondentes. Tais circunstâncias exigem da ética uma nova dimensão, jamais sonhada e de responsabilidade a que ninguém mais pode fugir. Enfim, é relevante reafirmar a importante contribuição deixada pelo fi-

lósofo Hans Jonas sobre a ética da responsabilidade, pois somente por meio desses novos conceitos éticos será possível pensar uma nova educação ambiental, que norteie a ação humana para uma ação prudente e responsável; dessa maneira, será possível trilhar por caminhos de um novo modelo político, econômico e educacional, capazes de restabelecer o equilíbrio ecológico e social.

FILOSOFIA • Qual é o seu entendimento acerca do posicionamento de Nietzsche com relação ao conceito de verdade?

FÁBIO • Investigamos que Nietzsche no ensaio *Sobre verdade e mentira num sentido extramoral* ressignifica o conceito de verdade. A verdade é entendida como metáfora. As verdades seriam metáforas cristalizadas pelo impulso que move o ser humano à verdade, é condição inerente ao ser humano. Nietzsche ainda afirma que quando se criou o que chamamos de conhecimento, que o ser humano passou a se supervalorizar por ser racional como se fosse superior aos outros animais. O filósofo alemão ainda se questiona sobre a origem do impulso à verdade a todo custo, intrínseco ao ser humano. Quando pensamos em *Auschwitz*, podemos nos perguntar onde estava a racionalidade humana tão propalada pelo Iluminismo. Ítalo